

ATLAS BÍBLICO

Teve lugar no dia 31 de Maio de 1996, na Faculdade de Letras de Lisboa, na Sala D. Pedro V, o lançamento do *Atlas Bíblico da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, das Edições Zairol. O volume foi desenvolvido a partir de uma edição original da Times Books, Londres, com direcção de James Pritchard (Universidade da Pensilvânia), sendo o director da parte portuguesa o Professor Doutor José Nunes Carreira. A edição portuguesa resultou no acrescentamento de duas novas partes, «Sítios e personagens do mundo bíblico» e «Textos do Oriente Antigo», cujos autores foram os docentes do Instituto Oriental e ainda o Professor Doutor Manuel Augusto Rodrigues, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

CADEIRAS OPCIONAIS DE HISTÓRIA PRÉ-CLÁSSICA

A exemplo de anos anteriores, o Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ofereceu nos anos lectivos de 1995-1996 e 1996-1997, aos alunos do curso de História e de outros cursos interessados na sua frequência, as seguintes cadeiras opcionais, a cargo de docentes do Instituto Oriental:

- Literaturas Sapienciais Pré-Clássicas
- Hebraico Clássico
- Introdução à Egiptologia

COLECÇÃO «ORIENTALIA LUSITANA»

Saíu em Junho de 1993 o primeiro número desta colecção das Edições Cosmos, de Mário Reis, com o título *História antes de Heródoto*, da autoria

de José Nunes Carreira, prevendo-se para 1999 a publicação do n.º 2, intitulado *O clero do deus Amon no Antigo Egipto*, de Luís Manuel de Araújo. Estão programados os próximos volumes da colecção «Orientalia Lusitana», também da autoria de docentes do Instituto Oriental: o n.º 3 versará sobre *Cantigas de Amor do Oriente Antigo*, de José Nunes Carreira, e o n.º 4 é da autoria de Geraldo Coelho Dias, com o título de *Hebreus e Filisteus na terra de Canaã: Nos Pródromos da Questão Palestiniana*, correspondendo à tese de doutoramento apresentada pelo docente na Faculdade de Letras do Porto.

COLECÇÃO DE «ESTUDOS PRÉ-CLÁSSICOS»

As Edições Colibri, do Dr. Fernando Mão de Ferro, incluem na sua programação editorial a colecção de «Estudos Pré-Clássicos» (inicialmente prevista como «Estudos de Egiptologia»), com volumes da autoria de docentes do Instituto Oriental. Foi já publicado o n.º 1, intitulado *Egipto: As Pirâmides do Império Antigo* (actualmente esgotado e a preparar-se uma 2.ª edição revista e aumentada), de Luís Manuel de Araújo, sendo do mesmo autor o n.º 2, *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*. O próximo número da colecção a sair (n.º 4) é da autoria de Nuno Simões Rodrigues, com o título de *Rei Saul segundo Flávio Josefo*, e corresponde à sua tese de mestrado em História e Cultura Pré-Clássica, esperando-se a sua edição para meados de 1999. Prevê-se que outras dissertações de mestrado apresentadas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa possam ser publicadas na mesma colecção.

TESES DE MESTRADO EM HISTÓRIA E CULTURA PRÉ-CLÁSSICA

Durante os anos de 1996 e 1997 foram apresentadas seis teses de mestrado em História e Cultura Pré-Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A série de provas começou no dia 19 de Dezembro de 1996 com o Dr. Nuno Simões Rodrigues, defendendo uma tese intitulada «Rei Saul segundo Flávio Josefo», tendo o júri sido formado pelo Professor Doutor José Nunes Carreira, que presidiu, Professor Doutor Geraldo Coelho Dias da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que arguiu, e Professor Doutor José Augusto Ramos (orientador).

Em 3 de Fevereiro de 1997 apresentou a Dr.ª Maria de Lurdes Palma a sua dissertação com o título «Poder e imagem: A idealização do rei na historiografia assíria – de Šamši-Adad I a Tiglat-Pileser I», perante um júri

presidido pelo Professor Doutor José Nunes Carreira (orientador), Professor Emanuel Bouzon da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que arguiu a tese, e Professor Doutor José Augusto Ramos.

Coube à Dr.^a Ana Maria Moreira apresentar em 22 de Maio de 1997 um trabalho intitulado «O divino senhor das artes: Kothar na cultura de Canaã», perante um júri que teve como presidente o Professor Doutor José Nunes Carreira, como arguente o Professor Doutor Armindo Vaz da Universidade Católica, e Professor Doutor José Augusto Ramos (orientador).

Em 20 de Outubro de 1997 a Dr.^a Maria João Machado apresentou a sua tese subordinada ao tema “Reflexos divinos no comportamento humano: Análise da fertilidade no Egipto dinástico», perante um júri constituído pelo Professor Doutor José Nunes Carreira (orientador), que presidiu, Professor Doutor Josep Padró da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Barcelona, arguente, e Professor Doutor José Augusto Ramos.

Em 27 de Outubro de 1997 coube à Dr.^a Maria João Seguro defender a sua tese intitulada «A afirmação do faraonato no Império Médio: a arte e a literatura», perante um júri formado pelo Professor Doutor José Nunes Carreira (orientador), que presidiu, Professor Doutor Josep Padró como arguente e Professor Doutor José Augusto Ramos.

No dia seguinte tiveram lugar as provas do Dr. Carlos Joaquim Casanova, com uma tese intitulada «Os anos finais do Império Hitita: O papel dos Povos do Mar na queda de Khattusha», sendo o júri constituído pelo Professor Doutor José Nunes Carreira (orientador) como presidente, Professor Doutor Geraldo Coelho Dias, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que arguiu, e Professor Doutor José Augusto Ramos.

Sínteses das teses de mestrado apresentadas

Rei Saul segundo Flávio Josefo

(Nuno Simões Rodrigues)

A tese abrange duas facetas da cultura ocidental nos inícios da era cristã. Em primeiro lugar, trata a figura do primeiro rei de Israel, Saul, e o atribulado período da institucionalização do seu reinado. Em segundo lugar trata a figura do historiador Flávio Josefo, um judeu que viveu no século I da nossa era, na corte dos imperadores flávios, em Roma, e que foi o autor de uma das primeiras histórias do povo judaico, escrita em grego. Sendo um dos maiores historiadores da Antiguidade Clássica, a formação cultural de Josefo permitiu reunir na sua pessoa a síntese de todo o ambiente espiritual que acabou por estar na base do pensamento e cultura europeias: o classicismo e o judaísmo. É por isso, pois, a partir da obra deste autor, possível estudar o grande fenómeno de aculturação que durante os primórdios do cristianismo

marcou a civilização ocidental e que deixou vestígios evidentes e definitivos na história e estruturas culturais da Europa.

É precisamente essa análise que este estudo faz. Entre as figuras sobre as quais Josefo disserta encontramos a do primeiro rei de Israel. O texto originalmente registado no livro bíblico de *I Samuel* é retomado por Josefo com a intenção de mostrar aos poderosos de Roma, que então dominavam a Palestina, e aos intelectuais formados em Atenas e Alexandria que os Judeus tinham também heróis de grande mérito e valor, capazes de igualar os do património clássico. Percebemo-lo através de uma interpretação tópica em que se particularizam momentos e acções relacionados com a política, a sociedade, o divino, as mulheres, os estrangeiros, a guerra ou até mesmo as emoções, como o amor, o ódio, a ira, a alegria e a tristeza.

Assim, a forma como o historiador descreve o antecessor de David testemunha um extraordinário ecumenismo cultural, onde se fundem elementos da cultura hebraica com elementos da cultura clássica (greco-latina). A prosa historiográfica joséfica faz de Saul um herói épico, como Aquiles ou Heitor, trágico, como Ajax ou Édipo, ou filosófico, como Sócrates, ou um pensador aristotélico ou estóico. Tal fusão apenas foi possível graças à sólida formação cultural de Josefo e à sua capacidade para avaliar o mundo em que viveu. O resultado é um texto em que Saul sobressai como uma figura abrangente, menos anatematizado e mais compreendido que o dos textos hebraicos originais, e passível de representar os particularismos da cultura judaica, mas também a universalidade da mesma.

***Poder e imagem: A idealização do rei na historiografia assíria
– de Šamši-Adad a Tiglat-Pileser I***

(Maria de Lurdes Palma)

A dissertação diz respeito aos reis mais significativos do II milénio a. C. (Šamši-Adad I, Aššur-uballit I, Adad-nirari I, Salmanassar I, Tukulti-Ninurta I e Tiglat-pileser I), e consta de duas partes. Na I parte evoca-se o rei-herói, desenvolvendo-se a construção da imagem através das inscrições reais, e na II parte é apresentado o domínio universal, explorando o modelo cultural e ideológico que consubstanciou essa mesma imagem.

Na titulação de todo o período estudado a referência ao rei como *iššiak-Aššur* (vice-rei do deus Assur), invocando a dependência do monarca face ao divino foi constante; todavia, outro título foi também permanente - *šarrum* (rei) – o que indicia um poder mais distanciado da relação directa e dependente da divindade. Um poder terreno exercido sobre uma realidade histórica, concreta, sem nunca perder a referência à divindade, transportou o soberano assírio para o quadro do herói militar.

Monarquia hereditária de carácter religioso, a realeza assíria protagonizou um poder cujos alicerces assentaram na força das armas, no temor e na violência, na brutalidade e nos massacres sobre o inimigo vencido. Uma relação vertical de poder, definida pela obediência e submissão à vontade e desejos divinos, alimentou a pretensão a um poder hegemónico total; a «vocalização universal» foi matriz ideológica estruturante da imagética do poder, de que o expansionismo territorial foi a sua mais cabal expressão. O poder assírio exerceu-se para além do quadro da cidade-Estado, transformando o rei num «alargador de fronteiras»; a aproximação à ideia de imperador forjou-se no auge do domínio e expansão territoriais e sob a influência cultural babilónica, os dois grandes veículos construtores da imagem do poder. A guerra, a violência e a ambição pessoal materializaram a heroicidade do soberano. A gesta militar do monarca traduziu uma acção «libertadora» de todos os povos, porquanto a sua conquista os transportou ao mundo ordenado, pela destruição do mundo caótico, bárbaro e mau que a vitória do rei assírio protagonizou. Toda a positividade se concentrou no soberano: o bem-estar, a protecção, a abundância decorrem da sua existência.

A ideologia do prestígio, subjacente à ideologia do poder da realeza assíria, conferiu intencionalmente o carácter de panegírico ao texto historiográfico oficial, distorcendo, assim, a verdade objectiva e assumindo funções de propaganda. O soberano, cumpridor fiel dos desígnios divinos, intermediário entre os homens e os deuses, monarca de eleição divina, assumiu qualidades excepcionais próximas de atributos divinos ou da natureza, sem que, todavia, tivesse chegado à divinização, antes inscrevendo-se na galeria dos heróis.

O divino senhor das artes: Kothar na cultura de Canaã

(Ana Maria Moreira)

Embora o deus senhor das artes represente uma entidade mitológica universal, restringiu-se o estudo ao deus artesão da Antiguidade Pré-Clássica dentro da área circunscrita do Mediterrâneo Oriental e do Levante, o deus artesão da cidade-reino de Ugarit: Kothar-wa-Hasis, o mais característico deus artesão da Antiguidade Pré-Clássica. De Kothar-wa-Hasis, dizem os mitógrafos, que «Creta é a sede do seu trono/O Egipto, terra da sua soberania» (KTU 1.1 III 1).

Enigmático na sua origem e, secundário no panteão ugarítico, Kohtar é uma divindade que ultrapassa em sabedoria e perícia os deuses principais, qualidades essas que os epítetos que completam o seu nome bem o confirmam: *Hyn* = inteligente; *Hrs'yd* = artesão e mágico, além de ser talentoso para a música; *Bn ym/Bn m'dt* = filho do Mar, filho da Confluência; *B'I Hkpt* =

senhor de Mênfis (aqui com assonâncias à forma egípcia de Hutkaptah: *Hwt-k3-Pth*). O próprio nome de Kothar-wa-Hasis está cheio de significado: *Ktr* = hábil; *Hss* = sábio.

O estudo foi dividido em três partes: I – A Realidade; II – O Mito; III – O Culto e a Memória. Na primeira parte discute-se o Mediterrâneo e o Próximo Oriente Antigo como espaço originário de um deus artesão. A segunda explica a identidade mítica de Kothar, o significado do seu nome e dos seus epítetos, o enigma da sua origem e a sua acção no desenrolar dos textos mitológicos. Faz-se ainda uma sucinta referência aos homólogos de Kothar no Próximo Oriente Antigo, bem como às Kotharot, mulheres hábeis, deusas femininas do parto. A terceira parte completa o estudo, analisando o papel que Kothar desempenha no culto de Ugarit e a sua persistência não só como elemento teofórico em nomes de várias pessoas da sua cidade mas também na sociedade fenícia, como é indicado pelo elemento teofórico *K(y)šr* em nomes púnicos e neo-púnicos. A finalizar é defendida a continuação da sua identidade na *História Fenícia* de Fílon de Biblos, como Khusor.

***Reflexos divinos no comportamento humano:
análise da fertilidade no Egito dinástico***

(Maria João Machado)

A fertilidade generosa do Nilo e a cadência com que todos os anos, na mesma época, o rio transbordava enriquecendo as suas margens, era alvo de extrema preocupação por parte dos nilóticos que tentavam perceber e até mesmo prever quando e qual o tamanho da generosidade do caudal.

Esta preocupação existencial vai-se revestir de uma forte simbologia política quando o rei se assume como responsável pelo fluir periódico do rio, num acto pleno de solenidade que o tornava como que uma entidade cósmica, responsável pela ordem universal. São frequentes as representações onde o monarca dá início à subida do caudal do rio, numa tradição com raízes no final do Pré-dinástico e que se vai aperfeiçoando naquela que será uma das mais importantes cerimónias de Estado e numa das festas mais importantes do calendário egípcio. Nestes dias que marcavam o princípio do novo ano, evocavam-se duas divindades, Hathor e Min, e celebrava-se a fertilidade, não só a da terra mas também a humana, demonstrando uma curiosa associação que, longe de ser inocente, se revestia de uma grande amplitude cósmica.

O processo de fertilidade humana constituía para os antigos Egípcios objecto de preocupação e de cuidados especiais, não só como factor determinante para se obter descendentes na vida terrena mas também como possibilidade de os conseguir repetir no Além. A elevada taxa de mortalidade infantil e as complicações durante a gravidez e o parto tornavam esta etapa

numa das mais importantes da vida do Aquém e também o garante de continuidade da vida após a morte. Esta necessidade de assegurar uma família era fundamental tanto para os homens como para as mulheres, que recorriam aos deuses para os ajudar, escolhendo-os consoante os seus desempenhos míticos.

O objectivo desta dissertação de mestrado foi não só avaliar a importância dos conceitos de fertilidade no universo egípcio, mas também relacionar os dois tipos de fertilidade, a humana e a da terra, e tentar perceber até que ponto a relação homem-deus espelhava a realidade vivida.

A afirmação do faraonato no Império Médio: a arte e a literatura

(Maria João Seguro)

O Império Médio evoca a imagem de um período áureo da história da civilização faraónica, uma época de consolidação plena da realeza e de afirmação da posição externa do Egito. Para além da dinamização interna, os soberanos da XI e XII dinastias tornaram-se responsáveis pelo elevado nível atingido na arte e na literatura, que foram postas ao serviço da monarquia. Tendo surgido após uma grave crise do faraonato, o Império Médio foi uma fase em que se procurou restaurar o prestígio da figura régia. A profunda alteração política e moral das élites letradas do Egito conduziram a monarquia por outro caminho, levando a cabo um activo processo de «propaganda régia», ou aquilo que hoje poderíamos chamar de uma «campanha de publicidade».

Assumindo como ponto de partida que propaganda significa o esforço feito para difundir uma ideologia, e que publicidade é o conjunto dos meios postos ao seu serviço, procedeu-se a uma abordagem da realeza egípcia do Império Médio nesta óptica.

Desta forma, a propaganda foi posta em prática através do aproveitamento dos meios disponíveis, ou seja, a palavra e a imagem. No que respeita à primeira, sabemos que a literatura ao serviço do faraó teve como função criar uma consciência colectiva, orientada pelo poder central. O elogio ao rei e o seu louvor constituem a característica principal de textos como os hinos reais ou as inscrições colocadas estrategicamente em estelas. Tratava-se afinal de exaltar a figura régia, como ocorre na *Narrativa de Sinuhe*. Não foi esquecida a importância da literatura didáctica em todo este processo, ou seja, as instruções e as «profecias».

No que respeita à imagem, tudo se passa de forma diferente, pois a representação artística influi na visão que o ser humano tem do mundo. Como tal, a arquitectura, a pintura e, sobretudo, a escultura foram aproveitadas como poderosos e eficazes instrumentos propagandísticos. Este esforço publicitário passou também pela afirmação da legitimidade do faraó, justifi-

cada, antes de mais, pela origem divina do monarca, o garante da *maat*. A estabilidade governativa com a co-regência, o funcionamento do aparelho administrativo e a reafirmação da monarquia divina foram condições indispensáveis para se pôr em prática esta revitalização política.

Há que distinguir, no entanto, a «propaganda» do Império Médio da do Império Novo. Durante este último período a «publicidade» foi orientada para a mobilização militar e para a expansão e as conquistas. Pelo contrário, durante o Império Médio foi a reabilitação do rei que esteve em questão. Não podemos propriamente falar aqui de um dirigismo político, pois não houve uma imposição de valores e ideias. Tratou-se antes de uma renovação de determinados conceitos que haviam sido despojados do seu conteúdo pela evolução política subsequente à queda do Império Antigo.

Sendo assim, destacam-se essencialmente três questões relevantes. A primeira diz respeito ao «processo publicitário» levado a cabo pelos monarcas do Império Médio de forma consciente e claramente incisiva. Esta tendência afirma-se fundamentalmente na XII dinastia, uma vez que a XI dinastia enfrentou inicialmente os problemas da reunificação. Em segundo lugar, surge a questão do público a quem se dirigia a «publicidade»: a arte visava todas as camadas sociais, enquanto a literatura se destinava às camadas superiores dirigentes. Finalmente podemos concluir que os efeitos de todo o processo foram os esperados: o prestígio da monarquia foi plenamente restaurado, levando a arte e a literatura a um grau de perfeição deslumbrante.

***Os anos finais do Império Hitita:
o papel dos Povos do Mar na queda de Khattusha***
(Carlos Casanova)

A tese tem como pano de fundo os anos de crise que caracterizaram a bacia do Mediterrâneo Oriental no período que decorre entre o final do século XIII e início do século XII a. C. e nos quais se insere a queda da cidade de Khattusha (ocorrida por volta de 1182²⁻³ a. C.).

Os relevos pictóricos do templo funerário de Ramsés III (1184-1153 a. C.), em Medinet Habu, mostram-nos dois movimentos migratórios distintos: um por mar e outro por terra. Mas os documentos deste faraó (Medinet Habu, Estela do ano 12, Estela de Deir el-Medina e *Papiro Harris*) falam-nos de vários povos: Danuna, Peleset, Shardana, Shekelesh, Tjekker, Tursha e Weshesh. Estes povos foram alcunhados de Povos do Mar por Gaston Maspero, no final do século XIX, a partir de referências egípcias ao Grande Verde, ao Mar e às Ilhas. No entanto, julgamos haver razões para crer que estes povos provinham em grande parte da Anatólia, admitindo como provável a identificação dos Danuna com o povo de Adana, dos Lukka com os

Lícios, dos Peleset com os Lídios, dos Shardana com os habitantes de Sardes, dos Shekelesh com o povo de Shikila do Oeste anatólico, dos Tjeker com os Têucrios, dos Tursha com a gente de Tarsos e dos Wesh-wesh com o povo de Ouassos.

A carestia alimentar, talvez não exclusiva do país hitita, que se prolongou pelos reinados de Hatushili (1266-1236⁺²⁻² a. C.), de Tudhaliya IV (1236⁺²⁻²-1209 a. C.) e de Shuppiluliuma II (1205-1186⁺³⁻³) e que obrigou à importação de cereais do Norte da Síria e do Egito, pode estar na origem do amplo movimento migratório dos Povos do Mar. O recrudescimento das operações de pirataria nas cidades costeiras anatólicas, até em consequência da crise cerealífera, pode ter obrigado as suas populações a deslocar-se para sítios mais seguros, contribuindo desta forma para a formação de movimentos migratórios no interior da própria Anatólia.

Sabemos que a endémica contestação política se agravou na corte hitita com o período de guerra civil que acompanhou a usurpação do trono por Hattushili III. De ora avante a instituição real apresentou-se insegura e sustentada por um equilíbrio instável, com a sucessão ao trono a ser fortemente contestada e reivindicada por outros membros da família real.

A queda de Khattusha permitiu a transferência da legitimidade da Grande Realeza para outros centros de decisão. As duas impressões de um selo de Kuzi-Teshub, filho de Talmi-Teshub, contemporâneo de Shuppiluliuma II, associados aos dos «Grandes Reis» das inscrições de Ipekçur, Gürun, Kötükale e Darendé, vêm mostrar que houve continuidade na linha real de Karkemish. A transmissão do poder de Talmi-Teshub para Kuzi-Teshub, que adopta o título de «Grande Rei», prova que este importante reino não foi destruído pelos Povos do Mar. O mesmo parece ter, de resto, acontecido com o reino de Tarhuntashsha, dado que as inscrições de Kizildag-Karadag e de Burun-kaya, datadas do início do período pós-imperial, sugerem a continuidade da linha real com o Grande Rei Murshili e com o seu filho o Grande Rei Hartapu.

Em suma, os registos de Ramsés III atribuem a queda de Khatti aos Povos do Mar, mas também o fazem em relação a Karkemish, o que não aconteceu. A verdade é que não sabemos até onde eles chegaram no interior da Anatólia. Se avançaram até Lawazantiya, situada a norte de Kizzuwatna, poderiam hipoteticamente ter alcançado Khattusha, dado que não se encontravam muito longe de Kummani, uma porta de acesso à capital. No entanto, isto não chega para lhes atribuir o principal papel na queda da Khattusha, embora essa possibilidade não deva ser excluída.

TESE DE DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA PRÉ-CLÁSSICA

No dia 26 de Outubro de 1998 apresentou Luís Manuel de Araújo a sua tese de doutoramento em Letras (História Pré-Clássica) com o título de «Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia», um trabalho elaborado ao longo de cinco anos e que teve como orientador o Professor Doutor Josep Padró, da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Barcelona, sendo co-orientador o Professor José Nunes Carreira, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, coordenador da área de História e Cultura Pré-Clássica e director do Instituto Oriental.

O júri foi composto pelo vice-reitor da Universidade de Lisboa, Professor Doutor Manuel Villaverde Cabral, que presidiu, Professor Doutor Josep Padró (arguente), Professor Doutor Geraldo Coelho Dias da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (arguente), Professor Doutor Joaquim Carreira das Neves da Universidade Católica, e pelos docentes da Faculdade de Letras de Lisboa Professor Doutor José Nunes Carreira, Professor Doutor António Dias Farinha e Professor Doutor José Augusto Ramos.

A tese mereceu do júri a Aprovação com Distinção e Louvor por unanimidade.

Tema da dissertação

Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia

O estudo tinha por objectivo analisar e descrever as cerca de 170 estatuetas funerárias em terracota e em faiança da XXI dinastia (séculos XI-X a. C.) existentes no nosso país, comparando-as com as figurinhas dos mesmos proprietários existentes em museus estrangeiros. O trabalho, em três volumes, alargou-se a todas as estatuetas da época, mesmo nos casos em que não existem exemplares nos acervos portugueses: assim ocorreu com as figurinhas de Tânis pertencentes aos monarcas tanitas e seus funcionários e as dos sumos sacerdotes de Amon e seus familiares da região tebana, às quais se juntaram as estatuetas funerárias de personagens encontradas nas necrópoles de outras regiões do Egipto.

Após uma nota prévia, segue-se a Introdução (pp. 25-153), onde são enumerados e apreciados os diversos estudos que até hoje foram publicados tomando como tema as estatuetas funerárias egípcias, e focadas as várias colecções existentes em grandes ou pequenos museus que albergam acervos egípcios, estabelecendo-se uma comparação entre cada colecção e sublinhando-se a presença de peças da época em questão.

Na I parte, dividida em três capítulos, tornou-se necessário remontar às

origens das estatuetas funerárias designadas por chauabtis, procurando-se detectar a etimologia do nome («Dos chauabtis aos uchebtis», pp. 158-323), bem como a sua relação com a crença no Além, merecendo atenção os vários tipos de formação e, até onde é possível conhecer, o número de estatuetas funerárias por túmulo. Abordando o aparecimento e a finalidade das estatuetas marcou-se a evolução que se operou desde o Império Médio e Império Novo até ao Terceiro Período Intermediário e à Época Baixa e analisaram-se as versões do capítulo 6 do «Livro dos Mortos» inscritas nalgumas delas. Seguem-se «Os materiais e as técnicas» (capítulo 2, pp. 325-429), com os materiais utilizados, o fabrico da faiança (o material por excelência das figurinhas do Terceiro Período Intermediário) e a análise iconográfica das estatuetas funerárias tomando como exemplos as que existem em Portugal. O capítulo 3 trata sucintamente da época da XXI dinastia (1070-945 a. C.), em que a gestão prática do Egipto esteve nas mãos dos soberanos tanitas e dos sumos sacerdotes amonianos sediados em Tebas, questionando-se os vários aspectos, ainda um tanto controversos, que marcaram as relações entre o Norte e o Sul do Egipto durante os séculos XI-X a. C. Merece aqui justo relevo o tempo da *Uhem-mesut*, isto é, a «Era da Renascença», e destaca-se o apogeu com o reinado de Psusennes I e o pontificado de Menkheperre, sumo sacerdote de Amon, seguindo-se as relações com Israel e o fim da dinastia fundada por Smendes, com a ascensão dos chefes líbios egípcianizados (líderes dos Machauach) que fundam a XXII dinastia.

A II parte, também com três capítulos, apresenta as estatuetas funerárias de Tânis pertencentes aos monarcas da XXI dinastia e aos poucos funcionários que se conhecem na região tanita, depois as estatuetas funerárias de Tebas, começando com as que foram produzidas para os sumos sacerdotes de Amon e seus familiares (estatuetas pontificais) e completando com a enumeração e descrição das figurinhas encomendadas por membros do clero amoniano, funcionários da região tebana e seus familiares, nomeadamente de Deir el-Medina (pp. 531-765), e ainda as poucas estatuetas funerárias que se conhecem de outras regiões, o Delta e o Médio Egipto (pp. 767-787).

A III parte, inteiramente dedicada às estatuetas funerárias da XXI dinastia que pertencem a acervos portugueses, abre com uma introdução metodológica para uma necessária explanação e justificação do código tipológico e dos métodos utilizados na descrição dos objectos (pp. 791-802), para depois serem apresentadas as figurinhas da Sociedade de Geografia de Lisboa, com 88 exemplares (pp. 803-913), as do Museu Nacional de Arqueologia, com 72 exemplares (pp. 915-1007), e as doze estatuetas existentes noutros acervos portugueses, nomeadamente as colecções particulares de Amaral

Cabral, Assis Ferreira e Miguel Barbosa e o ainda inédito acervo do Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (pp. 1009-1037).

O terceiro volume abre com a Conclusão (pp. 1039-1140), onde se reafirma a importância da chauabtoлогия como ramo da ciência egíptológica, e se salientam os ensinamentos que as estatuetas funerárias nos proporcionam quanto à organização do clero de Amon, sublinhando-se, com vários quadros e gráficos, o contributo das inscrições presentes nas figurinhas para um melhor conhecimento da prosopografia da região tebana. O registo onomástico demonstra a nítida superioridade das invocações teóforas a Amon, Khonsu e Mut, a conhecida tríade tebana, em contraste com o esquecimento total das invocações a Osíris nos nomes da época. São também analisados os títulos masculinos e femininos, concluindo-se que os mais assíduos nas estatuetas são os de sacerdote pai-divino (*it-netjer*) e sacerdote «puro» (*ueb*), e o de cantora de Amon (*chemait net Amon*) nas damas. Atesta-se finalmente a grande dispersão das estatuetas funerárias por todo o mundo, em colecções públicas e privadas, que hoje continuam a proclamar «Aqui estamos!» – invocando a frase de disponibilidade que as estatuetas funerárias exibiam nas suas inscrições para os trabalhos míticos no Além.

Após a Conclusão seguem-se os Apêndice (pp. 1141-1433), com os quais se pretendeu enriquecer a matéria apresentada na Introdução e nas três partes que compõem a tese. Eles incluem uma evocação comparativa de algumas versões do famoso capítulo 6 do «Livro dos Mortos» presente em muitas estatuetas funerárias, os códigos tipológicos para o estudo das estatuetas, as listas referentes aos nomes dos seus proprietários, os nomes das divindades evocadas, os títulos que as inscrições exibem, bem como listas de chauabtis de Tutankhamon, Seti I e Psusennes I, rematando-se com a lista dos principais museus que possuem estatuetas da XXI dinastia, a lista dos sarcófagos da XXI dinastia encontrados em Deir el-Bahari (Bab el-Gussus), cinco dos quais estão em Portugal, e as estatuetas de data incerta.

A bibliografia (pp. 1435-1550) está dividida em bibliografia geral, bibliografia específica, catálogos de museus e colecções e catálogos de vendas. O terceiro volume remata-se com a listagem das fontes das ilustrações inseridas no trabalho.

VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE EGÍPTOLOGIA

Com apreciável antecedência, foi desde já marcado para os dias 28 de Março a 3 de Abril do ano 2000 o VIII Congresso Internacional de Egíptologia. Organizado pela Associação Internacional de Egíptólogos e pelo Conselho

Supremo de Antiguidades do Ministério da Cultura do Egipto, o Congresso terá lugar no Cairo, no Centro Internacional de Conferências, situado em Nasr, aprazível zona a norte da capital egípcia, perto do aeroporto internacional do Cairo e de Heliópolis. O presidente do Comité Organizador é o Dr. Gaballa Ali Gaballa e o secretário-geral o Dr. Zahi Hauass (conhecido egiptólogo ligado às escavações na região de Guiza).

O tema fundamental do Congresso será «O estado da Egiptologia no final do milénio e a preservação e protecção dos vestígios materiais do antigo Egipto, em especial no Delta». Nota-se pois que é proposta aos congressistas uma temática dupla, sendo ao primeiro aspecto da questão que se dedicará a comunicação dos Professores José Nunes Carreira e Luís Manuel de Araújo, que enviaram já para o Comité Organizador o registo do seu título «L'Égyptologie au Portugal: le passé et le futur». Julga-se que a participação dos dois elementos do Instituto Oriental da Faculdade de Letras será vantajosa para dar uma ideia actual do estado da Egiptologia no nosso país, em áreas que ambos conhecem bem a nível universitário e a nível da museologia e coleccionismo.

OFERTAS AO INSTITUTO ORIENTAL

O Instituto Oriental continuou, ao longo dos dois últimos anos, a aumentar a sua já razoável biblioteca especializada de temática pré-clássica, graças ao apoio da Deutsche Forschungsgemeinschaft, através da Embaixada da Alemanha em Lisboa, cuja generosa contribuição se tem feito sentir desde a instalação do Instituto em 1990. Desta feita é de registar a chegada de dezenas de volumes da excelente colecção Beihefte zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft (BZAV, Walter de Gruyter, Berlim), *Reallexikon für Antike und Christentum* (vol. 1 a 16, Estugarda), *Keilschrifttexte aus Boghazköy* (Berlim) e *Keilschrifturkunden aus Boghazköy*.